

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA REDE SOCIAL:
UM OLHAR SOBRE
O “MANUAL PARA ENTENDER AS MULHERES”**

Carolina Sena de Meneses (UFRB)
carolina_msena@hotmail.com

1. Introdução

O presente artigo fará uma análise sobre a escolha lexical de um *post* que tematiza a mulher e se alguns comentários gerados por este geram implícitos que podem caracterizar um discurso machista, sexista encontrado na mídia. Assim, verificar a possível articulação com o estereótipo sobre a mulher no que se diz respeito à manutenção das relações sociais.

Um debate que vem ganhando força nos diversos espaços sociais é sobre a imagem da mulher na mídia, no que se refere a seu comportamento, seu jeito de andar, vestir e no que tange à linguagem, a sua escolha lexical. Tomando a premissa de que “comunicação é poder”, podemos perceber que a veiculação de falas nos meios de comunicação já nascem carregadas de diversos aspectos históricos, políticos e teóricos. Deste modo, não podemos esquecer-nos do jogo de reflexo entre mídia e sociedade, veiculando aspectos que possivelmente se encontram enraizados em nossa cultura.

Dentre estes aspectos estaria a imagem da mulher, suas falas e sua relação com outros sujeitos da sociedade, mais especificamente os homens. Atualmente com o desenvolvimento de novas tecnologias e a ampliação de novos sites de relacionamentos, está sendo dados a esses novos sites um caráter peculiar na manutenção das relações sociais, um exemplo a ser observado neste trabalho é o *facebook* (doravante FB).

O interesse da pesquisa está em observar as práticas de funcionamento do *FB*, no que diz respeito à divulgação de *posts* e as relações de gênero com o auxílio do suporte teórico- metodológico das noções em análise do discurso e seus fundamentos em articulação com a noção de gênero.

2. *O funcionalismo em linguística*

Nesta seção será feita uma abordagem sobre o funcionalismo em linguística com base nos estudos realizados por Neves (1997). A autora no texto discute conceitos específicos das teorias funcionalistas, trazendo uma visão geral da gramática funcional, o funcionalismo e a Escola de Praga, entre outros aspectos.

Em uma visão mais geral sobre a “teoria da organização gramatical das línguas”, por meio de crenças que resultam na interação social, a gramática funcional vem a considerar que a capacidade dos indivíduos, não está apenas em codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar tais expressões de forma satisfatória. Neves (1997), em seu texto, vai explorar questões como: “competência comunicativa”, referindo-se ao trabalho de Hymes, que acrescenta ao processo tradicional o uso social apropriado da linguagem (1974) e a Escola Linguística de Praga.

A Escola Linguística de Praga apresenta os estudos mais representativos referentes ao funcionalismo, trata-se do grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930 e o seu primeiro ponto de contato é a rejeição da dicotomia entre competência e uso, que é à base da teoria chomskiana.

A visão funcionalista da Escola de Praga, segundo Ilari (1992), está na definição de língua, vista como um “sistema de meios apropriados a um fim” (*Thèses*, 1929; *apud* ILARI, 1992, p. 25), e um “sistema de sistemas” (ILARI, 1992, p. 24), já que a cada função corresponde um subsistema.

De acordo com estas considerações encontradas no texto (*op. cit.*), podemos afirmar que a Escola de Praga nos reporta a uma noção de regularidade, apropriados ao uso da língua, os subsistemas estão ligados à frase que é reconhecida como uma unidade possível de ser analisada, de acordo com níveis morfológico, sintático, fonológico e também comunicativo abrigados na semântica e na pragmática. A língua é concebida como um instrumento de interação social, que tem como objetivo estabelecer a comunicação entre os usuários, considerando a função da expressão linguística dentro da comunicação.

Sendo assim, podemos compreender que o sistema da linguagem pode nos permitir estudá-la sob seu aspecto formal, levando em conta os influxos externos e internos da linguagem. Como iremos observar em a-

nálise do discurso, desde sua trajetória histórica até se configurar como um campo de estudo, que irá se interessar pelo discurso, mas sem ignorar contribuições da linguística e da gramática normativa.

3. *Fundamentos da análise do discurso: breve percurso*

Esta seção faz uma revisão acerca do surgimento da AD com base na leitura de Brandão (2003), que observa no capítulo intitulado: *Análise do discurso: um itinerário histórico* que a AD, originada nos anos de 1970, tem como principal característica analisar o discurso, ou seja, a interação entre uma enunciação.

Segundo a autora, na primeira metade do século passado a linguística tinha como papel oferecer as ciências humanas um modelo fonológico, “uma espécie de passaporte”. Porém, o paradigma estruturalista determinado pelos padrões cartesianos e saussurianos foi colocado em questão, revendo o que se considerou “domínio da fala”. Emergiram-se assim várias inquietações, no sentido da busca de introduzir aspecto histórico. Rememorando as dicotomias estabelecidas por Saussure, que eram noções de “fala” e “diacronia” e para construir o objeto da linguística a de “língua” e “sincronia”.

Para Brandão (2003) estas ciências estavam buscando definir o campo da ciência sincrônica da língua e para Saussure os termos complementares de conceitos de base (diacronia, fala) pertenceriam a um campo científico específico, onde outro campo da linguística estaria responsável. Com isto, se desenhava dois objetos científicos diferentes, sendo um de uma “linguística da língua” observada por Saussure e outro de uma “linguística da fala” que seria explorada por outro campo.

Apesar da língua e da fala serem reconhecidas como “recortes de um mesmo objeto”, Saussure irá se interessar pelo campo da língua devido a sua categorização e sistematicidade. Desta maneira, podemos perceber a sua filiação teórica e segundo a autora do texto, esta visão seria “organicista da língua determinada por um enraizamento ideológico próprio ao cartesianismo vigente”.

Nesse modelo o uso livre é colocado como anterior à linguagem e a mudança de sistema estável da língua é inconcebível. Portanto, os conceitos de fala e diacronia são excluídos.

Os estudos linguísticos para Brandão (2003) foi durante muito tempo dividido pela oposição língua e fala, que posicionou uma “linguística da língua”. Pois, reconhecendo que a linguística limitasse seus estudos ao uso interno da língua, viu-se que não daria conta de seu objeto, era preciso o reconhecimento da dualidade da linguagem, seu caráter formal atravessando por aspectos históricos e sociais, que deslocam os estudos linguísticos. Com isto, os estudiosos passam a compreender a linguagem, para além da língua, como um sistema neutro, mas como também em uma instância fora do estritamente linguístico.

3.1. Uma teoria do discurso

Existem diversas maneiras de estudarmos a linguagem. A linguística é uma delas, por meio da qual se reúnem fundamentos sobre a língua enquanto signo ou sistemas de regras formais.

Vale ressaltar que gramática e língua possuem significados diferentes chegando a diversos estudos ao se tratar especificamente da língua, considerando várias formas de dizer. Em função destas reflexões iniciou-se então o interesse pela linguagem, em um caráter que é peculiar por ser proposto pela a análise do discurso.

A palavra discurso etimologicamente trata-se do curso, percurso, movimento. Sendo assim interessa a este estudo a prática da linguagem, buscando compreender como a língua faz sentido, enquanto trabalho simbólico, que constitui o homem e sua história.

Não se trata da língua fechada, mas com o discurso que é considerado um objeto sócio-histórico em que se articula a linguagem e a sociedade por uma relação contínua e constitutiva, que corresponde ao foco primordial da análise do discurso.

Desta maneira, a análise do discurso critica a prática das ciências sociais e da linguística, buscando reflexões sobre como a linguagem materializa ideologias e como esta se manifesta nas relações sociais entre os sujeitos.

3.2. O discurso

Segundo Foucault (1988, p. 30), um discurso pode ser compreendido a partir do domínio extenso e definido de enunciados sejam eles fa-

lados ou escritos na sua “dispersão de acontecimentos” e na “instancia própria de cada um”. Um discurso compor-se-á de enunciados que irão distinguir-se-ão dos diversos objetos, sendo estes por sua vez capturados por instâncias em que o discurso se desenvolve, sendo estas: instancia de delimitação (espaço criado pelos interdiscursos) e pelas grades de especificação (oposições internas).

Durante a enunciação é o discurso que torna possível um conjunto de enunciados e delimita um campo que o sujeito estará submetido. A ideologia será um meio de veiculação das ideias do sujeito a partir das diferentes faculdades como: à vontade, o juízo, pensamento e a memória.

Todas as maneiras de ideologias se convergem, pois a própria linguagem possui neutralidade onde os espaços são “jogados” e a relação entre espaço e os objetos corporificam as ideologias. E neste espaço do discurso que podemos afastar o lugar do sujeito e efetivar seus enunciados, caracterizando o discurso como algo ideológico composto por lugares e relações.

O que nos leva a perguntar: qual o lugar do sujeito? Ou, de maneira foucaultiana qual é o *status* do sujeito que têm o direito da fala aceita ao proferir um discurso? Para isto é preciso que se defina competência, saber, inscrição no discurso (autorização da fala) e a individualização dos personagens o que representa a função da análise das modalidades enunciativas.

A cerca disso entramos em uma tensão entre o espaço e o lugar do sujeito na definição ideológica de discurso, onde a posição é condicionada pelo lugar. Tal posição nos refere ao lugar de onde se constroem enunciações particulares ou não, é o tema dos personagens, dos atores sociais e dos movimentos de grupos.

4. O estereótipo na mídia

Segundo Rabaça & Barbosa (1987, p. 247-8), a palavra *estereótipo* pertence originalmente ao vocabulário da editoração gráfica. Referindo-se a uma chapa de chumbo fundido que traz em relevo a reprodução de uma página que permite a sua reprodução e outros exemplares.

Estendendo os nossos olhares, o estereótipo pode ser considerado como uma opinião pronta, uma ideia ou expressão muito utilizada, um lugar-comum ou clichê. Representando um signo que reduz o sentido, o

estereotipo pode ser considerado como uma estratégia discursiva do sujeito durante a enunciação no discurso.

O discurso das redes sociais, por exemplo, veiculam imagens que por vezes, validam os estereótipos do senso comum, por exemplo: o estereotipo da Mãe/Mulher perfeita, da beleza feminina, da mulher chique que usa roupas da moda, cremes para rejuvenescer, entre outros. O que está em jogo é a representação da preocupação que se submetem as mulheres a normas, padrões e ideário de mulher.

De acordo com estes exemplos e compreendendo o poder do estereotipo, podemos perceber que eles são muito mais amplos e que se articulam com conceitos modernos, que são acionados em diferentes redes sociais, meios de comunicação e muitas vezes se revestem numa enunciação passional que retomam figuras, linguagens que são resgatadas por valores antigos, o que fornece ao estereotipo uma noção de mito e seu uso se revalidada ao assumir valores da cultura.

E é sobre este viés que esta pesquisa irá se interessar, sobre o discurso veiculado na rede social e fará a análise de algumas frases encontradas no *post*: “Manual para entender as mulheres”.

5. Análise do “manual para entender as mulheres”

A análise a seguir tratará dos estereótipos de do(s) discurso(s) presentes em torno de um *post* no *facebook*, que é uma rede social e dos comentários dele resultantes.

Os estudos sobre linguagem e gênero tem se preocupado em observar o uso da linguagem, oferecendo diversas hipóteses de estudo para estes campos, tendo em vista o papel das relações de poder.

O *post* contendo frases ditas femininas, estaria articulando a representação da mulher por elementos verbais e outras questões como as de estereótipos, gênero e relações de poder que não contem de maneira explícita, mas que ao ver desta análise reforça elementos que estão enraizados no interior de nossa sociedade e que podemos encontrar por exemplo, nos comentários em torno do “manual para entender as mulheres”.

Seguem abaixo o *post* e os comentários gerados:

MANUAL PARA ENTENDER AS MULHERES:

- **HUM** = TÔ COM CIÚMES
- **SEI** = NÃO ACREDITO EM NADA DO QUE DISSE
- **TÁ** = PARA DE FALAR
- **NÃO É NADA** = TÁ TUDO ERRADO, TEM ALGUMA COISA
- **NÃO FALA COMIGO** = PEDE DESCULPAS AGORA
- **ESQUECE** = NÃO ADIANTA, NÃO VAI ENTENDER
- **ENTÃO VAI** = NÃO VAI DE JEITO NENHUM
- **DE BOA** = COM RAIVA
- **SAI DAQUI AGORA** = SE SAIR MORRE
- **NÃO PRECISA VIR NA MINHA CASA** = VEM JÁ
- **FAÇA O QUE QUISER** = SE FIZER JÁ ERA
- **NÃO** = SIM
- **SIM** = TALVEZ
- **TALVEZ** = NÃO

Podemos observar entre os comentários abaixo, que algumas mulheres também concordam que o “Manual” traz comportamento/linguagem dita feminina e no que se refere a linguagem utilizada pelas mulheres podemos perceber um visão estereotipada que ganha um lugar na sociedade como prática linguística e social.

Retomando os autores que embasaram nossa discussão teórica, com efeito de observar as relações entre masculino e feminino, considerados pela sociolinguística como pressupostos, que nos permite compreender que os “relatos sobre identidades de gênero” são produções linguísticas carregadas de estereótipos.

<p>Lamartine Lucio Duarte Moreira putz!!!! 16 de Novembro de 2011 às 15:32 · Curtir</p>
<p>Carlos Novaes muito bom 17 de Novembro de 2011 às 14:07 · Curtir</p>
<p>Thiago Negrão mesmo assim é difícil entender mulher rsrsrsrs 17 de Novembro de 2011 às 20:18 · Curtir · 🔄 1</p>
<p>Flavio Alvarez hahahaha. 19 de Novembro de 2011 às 18:59 · Curtir</p>
<p>Luciene Almeida É ESSE MANUAL DISSE TUDO EMMMM....RSRS...RIRI PIOR QUE ASSIM MESMO QUE FUNCIONA. 22 de Novembro de 2011 às 00:00 · Curtir</p>
<p>Jonathan Bruno kkkk tudo verdade!!! 22 de Novembro de 2011 às 07:14 · Curtir</p>
<p>Sandra Bobrovski tudo tudo verdade kkkkkk 23 de Novembro de 2011 às 07:22 · Curtir</p>
<p>Werikles Freitas tudo verdade 23 de Novembro de 2011 às 17:46 · Curtir</p>
<p>Negresco Krs Pikadilhas KKKKKKKKKK PODE CRER É ASSIM MSM...PORISSO Q EU NEM DESCLUTO MAIS...DXO FALANDO... 24 de Novembro de 2011 às 12:32 · Curtir</p>
<p>Fábio Rodrigo Carvalho Nossa e o pior é que elas (a maioria) concordam que é assim mesmo... vão se tratar, interna agora! 25 de Novembro de 2011 às 16:47 · Curtir</p>

Considerando toda a luta feminista em prol da garantia dos direitos da mulher, na educação, na política, no mercado e na própria esfera do lar, podemos perceber que é ainda em alguns espaços de rede social que se (re)produzem diferenças sociais entre homem e mulher.

Se o *post* apresentado é feito a partir de uma estrutura social, estabelecendo diálogos com questões que se encontram fora do próprio texto, este se baseia em normas encontradas na sociedade e no momento em que circula por meio dos veículos de comunicação, estabelece diálogos com outros textos, (re)afirmando e (re)produzindo padrões, normas e regras de fala.

Na teoria *queer* pós-moderna, inaugurada por Butler, [...] a dêixis é por si mesma um princípio constitutivo da linguagem: as palavras não estão ligadas em e por si mesmas; esse significado é construído no discurso. (LIVIA; HALL, 1997).

A linguagem é tida como suporte de “dominância masculina”, mas em contrapartida é através da linguagem que as mulheres resistem e geram outros modos de dizer sobre o mundo e sobre as próprias mulheres.

6. Considerações finais

Alcançando os objetivos desta pesquisa em constatar que através do “manual para entender as mulheres”, se encontra um discurso que ganha lugar ao ser explorado nas redes sociais de comunicação virtual.

Analizamos a construção discursiva do *post* por meio de um breve percurso dos fundamentos da análise do discurso, a construção do estereótipo na mídia e de conceitos propostos em análise do discurso.

Com base nos estudos realizados, concluímos que os estudos sobre gênero pode ser considerado como uma categoria de análise que revê teorias e representações dos diversos femininos que são construções histórico-sociais, (re)pensa as questões culturais como instrumento de desigualdade, onde o masculino detém do papel preferencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. H. N. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B. C.; ATIK, M. Luiza G. (Orgs.). *Língua, literatura e cultura em diálogo*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

SARFATI, Georges-Élia. *Princípios da análise do discurso*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SIGNORINIR, Inês; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008.